

## VRBANITAS EM MARCIAL: REFLETINDO SOBRE OS LIMITES DO USO DO RISVS

Rony P. G. do VALE  
UFMG – ronyvale@gmail.com

Resumo: *Vrbanitas* remonta a Antiguidade, particularmente aos escritos de Cícero e Quintiliano. Estes alertavam os oradores das vantagens e dos limites no uso do *risvs*. Isso se devia a uma preocupação cara aos romanos em relação à prova retórica do *ethos* (lat. *mores*). Pode-se dizer que os preceitos relativos à urbanidade (*vrbanitas*), de certa forma, moldavam os bons modos no uso de ditos ridículos ao homem de bem, diferenciando-o do uso da linguagem do velho romano (*dicacitas*), da do bufo e da do camponês (*rvsticitas*). Apesar das diferenças entre as artes retórica e poética, desejamos refletir nesse trabalho sobre a influência dessa “normatização” em Marcial. Poeta de uma época (séc. I d. C.) na qual as formas de expressão viviam sob a égide do medo e na busca pelo dinheiro, Marcial, apesar da situação *cliens*, ousou, imbuído de um sentimento satírico prioritariamente romano, “*dicere de vitiis*” da sociedade de seu tempo, mas “*parcere personi*” em seus epigramas. Num estilo direto e sem rodeios, Marcial “refletia e refratava” um quadro da sociedade romana com palavras ora secas ora luxuriosas que às vezes beiravam a chularia. Uma atitude aparentemente paradoxal diante das qualidades exigidas ao homem urbano.

Palavras-chave: *vrbanitas*; Marcial; Linguagem do Riso; Humor; Paratopia.

### Introdução

Nosso texto se inicia com uma questão aparentemente comum: qual imagem a nossa sociedade faz de Marcial? Uma breve pesquisa em dicionários, enciclopédias e na internet revela quase sempre a mesma imagem reduzida e estereotipada: de origem rural, homossexual, “bajulador”, de linguagem agressiva, áspera e, principalmente, obscena, um poeta menor. Aliás, é importante ressaltar: sua “obra os ouvidos castos da piedade cristã chegarem ao ponto de condenar à fogueira” (BRANDÃO, 1998, p. 131). Longe de querer desmistificar tal estereótipo, nosso trabalho tende a levá-lo em consideração; todavia, o ponto que se quer refletir é um aparente paradoxo em relação às normas retóricas da época (séc. I a. C.) e o texto de Marcial. Marcada por uma “linguagem do riso”<sup>1</sup>, como explicar a presença

---

<sup>1</sup> Tomamos tal conceito em Bakhtin (2010, p. 58, 74, 78), onde ora o riso é tomado enquanto “formas” (piadas, ditos, paródias etc.), ora como “expressão” (atitude responsiva). Ambos estão englobados em uma “linguagem do riso” – termo mais *genérico* (extensão) para uma linguagem ativada/ativadora dos discursos ligados ao “riso” (daí subsumir termos mais *específicos* tais como: cômico, humor, risível, ridículo, grotesco, satírico, bufo, chularia, escárnio etc.).

substancial da lubricidade e da chularia? Nossa ideia é que Marcial tinha consciência, e demonstrava tê-la (no discurso), dos limites do uso do *RISVS*, uma vez que era seu *ETHOS* que estava em jogo (ou melhor, em “perigo”) quando a obscenidade era posta a serviço do humor e da sátira social<sup>2</sup>.

Desse modo, nosso objetivo é fazer um percurso de análise que possibilite refletir sobre o conceito de *VRBANITAS* em Marcial. Tal conceito diz respeito, ao mesmo tempo, ao *ETHOS* do orador e ao uso da “linguagem do riso” no discurso. Acreditamos que isso é possível mesmo em um poeta, uma vez que Marcial estudou retórica, tinha Cícero em conta na oratória e também porque era contemporâneo de Quintiliano. E, independente de sua profissão, podemos hipostasiar que Marcial tinha consciência de que o uso indevido dessa linguagem poderia tornar mais árdua sua luta por reconhecimento (e dinheiro) no espaço literário (e, “mecênico”) da época.

### **1. Marcial: um pequeno perfil histórico<sup>3</sup>**

Tendo como data de nascimento, provavelmente, 1º de Março de 39 ou 40 d.C., Marcial nasce em Bilbilis, na “*Hispania*”, da qual se orgulha por conta de seus antepassados. Faz seus estudos de retórica ainda em Bilbilis, mas não exerce a profissão de advogado, acreditando ser poeta por vocação. Vai para Roma em 64 d.C. pensando gozar da mesma sorte que os seus compatriotas possuíam junto às cortes como, por exemplo, Sêneca e Lucano. Contudo, passa a exercer o ofício de *CLIENS*<sup>4</sup> que

... o consumiu durante trinta e cinco anos em fatigante corrida de um palácio para outro, em adulações exageradas e vãs, que deviam ser particularmente repugnantes para seu bom gosto de poeta (PARATORE, 1987, p. 702).

De acordo com Torrão & Andrade (2008), além dessa situação, a relação entre Marcial e Roma gerará um conflito interior no poeta: “as vantagens da vida na *VRBES*” Vs “as vantagens

---

<sup>2</sup> Preferimos colocar o epíteto de social para diferenciar de sátira com sentido político, devido à problemática envolvendo este último termo em Marcial.

<sup>3</sup> Para mais detalhes, cf. VALE, R. P. G. Marcial: um pequeno estudo sobre sua vida, sua obra e seu tempo. **Propagare**, 2011 (no prelo).

<sup>4</sup> *CLIENS*, -*ENTIS* (m.) 1. Cliente (em oposição a *PATRONVS*); aliado, vassalo, o que está sobre proteção. (FARIA, 2003).

do campo”. Isso se deve à diferença entre a vida conturbada de Roma, onde já não se dormia devido ao barulho e às confusões, e a vida pacífica do campo e os seus valores, o que não somente impõe ao poeta a reflexão sobre a escolha entre o campo e a cidade, mas sobre a profissão escolhida:

A leitura da obra do bilbilitano cada vez mais nos convence de que a sua defesa de uma vida simples longe do bulício da cidade tem mais a ver com as condições ideais para escrever poesia do que com uma rejeição da vida citadina. (TORRÃO; ANDRADE, 2008, p. 66)

### **1.1 Marcial e o gênero epigrama**

Marcial se dedica, em sua obra, à exaustão na elaboração de um único gênero: o epigrama. Esse gênero criado pelos gregos, sendo o autor mais famoso Simonides de Céos. Em sua origem, “epigrama” tinha o significado primeiro de “inscrição” e era usado nas lápides de túmulos e nas oferendas aos deuses. Em Roma foi muito cultivado, servindo a vários fins e podendo ter inúmeros temas: amor, devoção, sátira etc. Muitos foram os escritores que trabalharam epigramas: Catulo, Vergílio, Sêneca entre outros. Segundo Paratore (1987, p. 709), o “gênio de Catulo soubera tirar do epigrama a grande lírica subjetiva latina”, entretanto “o temperamento literário de Marcial reconduz o epigrama à *secura original*”. Já para Leoni (1967), Catulo colocou, nos epigramas, todo o “tormento da paixão, os estados da alma”; enquanto Marcial faz dos epigramas

... uma composição que num breve rodeio de poucos versos pinta um retrato malicioso, conta uma anedota mundana, [...], desabafa seu mau humor contra a sorte, expõe um julgamento arguto, diz um cumprimento ou uma insolência (LEONI, 1967, p.1 10).

Isso acontece porque Marcial utiliza-se do epigrama como meio de promoção social, ampliando e desenvolvendo nos temas a “aridez do jogo intelectualista”. Com efeito, esses temas seguiam a moda e as circunstâncias devido à própria condição de Marcial na busca de patrocínio para desenvolver sua arte e sobreviver. Todavia, o que deveria ser uma análise objetiva dos vícios torna-se um trabalho subjetivista que recorre à alma do poeta para desferir injúrias e acusar sem olhar os próprios vícios.

### 1.1.1 Principais características estéticas dos epigramas de Marcial

Com um estilo direto, Marcial abrange inúmeros temas na composição de seus epigramas. Escreve principalmente sobre o cotidiano, baseando-se na forma de poesia de ocasião (que trata de assuntos diversos da vida como a luxúria, a avidez e a hipocrisia dos seres humanos) cultivada por Stácio; no entanto, a obra de Marcial se afasta da de Stácio no que tange a mitologia, um tanto desprezada pelo primeiro. Quanto à forma, os epigramas de Marcial eram compostos de poucos dísticos, não excedendo a vinte. As personagens eram baseadas na vida de Roma: a plebe, os escravos, as mulheres, as classes mais abastardas, os escritores, os emigrantes etc. Os epigramas eram dirigidos diretamente a essas pessoas, contudo, para Marcial, o importante era *PARCERE PERSONIS, DICERE DE VITIIS* e não levantar os nomes reais das mesmas. Com isso, Marcial consegue, pois, pintar um painel da sociedade romana daquele tempo. Essas características tinham função dentro dos objetivos de Marcial: deveriam tornar as composições rápidas e agradáveis, e ao mesmo tempo mordazes, “que pudessem ser repetidas facilmente e circular com rapidez na boca de todos, com a fortuna que acompanha as ‘más-línguas’” (PARATORE, 1987, p. 703-704).

## 2. *Vrbanitas*: das vantagens e das prescrições

O conceito de *VRBANITAS* remonta à retórica e à oratória antigas, particularmente aos escritos de Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) e Quintiliano (35 d.C – 96 d. C.). Ambos, seguindo em alguns pontos as recomendações dos retores gregos (principalmente Aristóteles), alertam os oradores das vantagens e dos limites no uso do *RISVS*. Isso se deve a uma preocupação cara aos romanos em relação à prova retórica do *ETHOS* (“caráter do orador” – em latim: *MORES*). Com efeito, pode-se dizer que os preceitos relativos à urbanidade (lat. *VRBANITAS*), de certa forma, moldavam os bons modos no uso de ditos ridículos ao homem de bem, diferenciando-o do uso da linguagem de zombaria do velho romano (lat. *DICACITAS*), da do bufo e da do camponês (lat. *RVSTICITAS*). Apesar das diferenças entre os postulados da arte retórica e da arte poética – sabe-se que ambas se influenciavam a ponto de Aristóteles remeter, na sua *Retórica*, aquele que deseja mais esclarecimentos sobre a arte de “fazer-rir” ao capítulo II de sua *Poética* –, desejamos refletir nesse trabalho sobre a influência dessa “normatização” em Marcial. Vejamos, então, os pontos essenciais desse conceito em Cícero e em Quintiliano.

Como vimos, a *VRBANITAS* está ligada a uma questão cara aos romanos, a saber: o *ETHOS* do orador. De acordo com Marques Jr. (2008, p. 94), baseando-se nos trabalhos de Ramage<sup>5</sup>, o conceito de *VRBANITAS* pode assumir diferentes acepções dentro da retórica clássica: i) noção física, que opõe campo X cidade, determinando o refinamento que esta última poderia proporcionar à educação do cidadão; ii) riso refinado, relacionado aos modo de gracejar: deseducado, petulante, obsceno (próprio dos bufões) X elegante, engenhoso, urbano (próprio do orador); iii) modos do homem urbano (*HOMO VRBANVS* X *HOMO RVSTICVS*): seus modos falar quanto ao tom de voz e de pronúncia. Nos dois tratados, *DE RIDICVLIS* (de Cícero) e *DE RISV* (de Quintiliano), as vantagens e a moderação do uso do *RISVS* serão circunscritas de acordo com a ideia que os retores tinham de urbanidade. Com isso em mente, percorremos esses tratados objetivando elaborar um quadro que esboce as vantagens e as prescrições de modo a nos proporcionar refletir sobre as estratégias e as coerções ligadas à utilização da “linguagem do riso”. Para isso, vamos tomar como guias nessa trajetória as questões terceira e quarta propostas por Cícero no *DE RIDICVLIS*<sup>6</sup>.

Como veremos, as vantagens podem ser elencadas de forma mais direta e diretiva em ambos tratados. Por sua vez, as prescrições demandaram mais atenção dos retores, pois estas últimas estão ligadas à preocupação de afastar os oradores da linguagem dos bufões e dos mímicos. Assim, em muitas passagens nas quais o ponto é a descrição e a análise dos *GENERA RIDICVLORVM*, podem ser percebidas orientações ao orador de que aquilo que pode parecer próprio de um discurso “sério” – “elevado” – na verdade pode ser encontrando também num discurso “baixo” – “obsceno”, “agressivo” – próprio dos bufões. Isso porque os retores sabiam, e alertavam, que da mesma matéria pode-se obter ambos os discursos.

## 2.1 Das vantagens: *TERTIVM, SITNE ORATORIS RISVM VELLE MOVERE*

Cícero responde positivamente<sup>7</sup> que é próprio do orador provocar o riso, uma vez que este pode mover o auditório, diminuindo a adesão deste à tese adversária e os sentimentos como o ódio e a raiva motivados pelo *PATHOS* administrado pelo adversário, e, desse modo, suavizar

<sup>5</sup> RAMAGE, E. S. Early Roman Urbanity, (1960); RAMAGE, E. S. Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes, (1963).

<sup>6</sup> “A respeito do riso há cinco coisas que devem ser perguntadas. Primeira: o que é o riso; segunda, onde é encontrado; terceira: se é próprio do orador querer provocar o riso; quarta, até que ponto o orador pode utilizá-lo; quinta: quais são os gêneros do riso.” (CICERO APVD MARQUES JR. 2008, p. 45 – tradução do mesmo)

<sup>7</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 236.

situações de tensão. A partir dessa – digamos – vantagem geral, Cícero expõe as específicas, que apresentaremos em linha gerais:

- i) o riso é benévolo a quem o suscita<sup>8</sup>, pois as pessoas gostam de agudezas, de respostas a um ataque;
- ii) o riso, na ALTERCATIO<sup>9</sup>, serve<sup>10</sup> para enfraquecer, constranger, diminuir, afugentar e refutar o adversário, principalmente se a estultice deste for evidente para ser censurada;
- iii) o riso também pode ser usado contra as testemunhas<sup>11</sup>, desde que essas se mostrarem estultas, parciais, ou levianas;
- iv) o riso é como o sal<sup>12</sup>: sem exagero serve para temperar a comida, aumentando a sede de ouvi-los (os ditos ridículos);

Também Quintiliano assume a posição de Cícero referente à matéria<sup>13</sup>. Sua contribuição expõe com mais clareza pontos relacionadas ao dispositivo do discurso judiciário:

- v) o riso serve para desarticular estratégias utilizadas pelo adversário<sup>14</sup>, diminuindo a tensão e/ou a tristeza;
- vi) o riso alivia o cansaço dos juízes após a recapitulação dos fatos, podendo, assim, se conquistar a simpatia e/ou os favores dos mesmos<sup>15</sup>.

Do exposto, é importante ressaltar, contudo, que tanto Cícero quanto Quintiliano atentam para o uso dos gêneros do humor nas situações além do discurso judiciário. Para Cícero, o “bom” uso dos GENERA RIDICVLORVM proporciona reconhecer as conversas ditas urbanas<sup>16</sup>. Quintiliano, por sua vez, ao defender Cícero quanto àqueles que consideram que ele abusava dos “ditos

---

<sup>8</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 236.

<sup>9</sup> ALTERCATION, -ONIS (subs). I – 1) Altercação; disputa; II – Daí, na lingual juridical: 2) Debate judiciário (ataques e respostas entre advogados), contestação.

<sup>10</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 236.

<sup>11</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 236.

<sup>12</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 274.

<sup>13</sup> Por isso mantivemos um contínuo na enumeração.

<sup>14</sup> Cf. *DE RISV*, § 1.

<sup>15</sup> Cf. *DE RISV*, § 9-10.

<sup>16</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 270-271.

picantes”, alerta que, respeitadas as prescrições, as recomendações para a utilização do riso também se estendem às conversas do cotidiano<sup>17</sup>. Diante disso, cabe a nós verificarmos as explicações de ambos sobre essas prescrições.

## 2.2 Das prescrições: *QUARTVM, QUATENVS*

Nessa seção, procuraremos delinear até que ponto é próprio ao orador utilizar-se do riso. Num primeiro momento, colocaremos as prescrições ciceronianas e, em seguida, apontaremos as contribuições de Quintiliano ao entendimento da matéria. Vamos sistematizar primeiramente as linhas mestras das prescrições de Cícero, para logo após mostrar as especificações das mesmas.

De um modo geral, Cícero observa que, ao usar os *GENERA FACETIARVM*, deve-se respeitar as pessoas, as coisas e as circunstâncias, “... porque é difícilimo para os homens facetos e mordazes ter em conta as pessoas, as circunstâncias e observar as coisas que ocorrem e que podem ser ditas muito picantemente”<sup>18</sup> (CICERO *APVD* MARQUES JR., 2008, p. 36). Se a isto se presta a devida atenção, evitar-se-á, por um lado, diminuir a gravidade (o teor “sério”) do discurso e, por outro, agredir sem causa (coisa típica dos bufões). Além disso, afirma Cícero ser necessário atentar-se para a brevidade<sup>19</sup> do “dito picante”, pois, desse modo, se tira o tempo de reação (reflexão) ao adversário.

De modo específico, podemos dizer que Cícero, ao responder a quarta pergunta, prescreve que:

- i) não se deve utilizar o riso contra<sup>20</sup>: a) os facínoras, pois a estes cabe uma pena maior;
- b) contra os miseráveis, devida a sua fortuna (sorte), a não ser que sejam orgulhos;
- c) a afeição das pessoas, pois deve-se evitar atingir pessoas amadas. Isso se deve ao fato de que este uso do riso está limitado a atacar somente alguma torpeza (vício) ou deformidade de pessoas nem queridas nem desafortunadas;

---

<sup>17</sup> Cf. *DE RISV*, § 4 e 28.

<sup>18</sup> No original: “QVOD EST HOMINIBVS FACETIS ET DICACIBVS DIFFICILLIMVM, HABERE HOMINVM RATIONEM ET TEMPORVM ET EA QVAE OCCVRRANT, QVOM SALSISSIME DICI POSSVNT, TENERE”.

<sup>19</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 219.

<sup>20</sup> Cf. *DE RIDICVLIS*, § 237.

ii) não se deve utilizar das obscenidades, uma vez que estas podem se aproximar dos gestos do mímico (farsista ou comediante) ou das palavras do bufão, voltando-se contra o orador. Pois “Ao orador importa ocultar a imitação, para que aqueles que o ouvem cogitem mais do que vêem. É preciso que ele, o orador, mostre seu pudor, e evite a torpeza das palavras e as coisas obscenas”<sup>21</sup> (CICERO APVD MARQUES JR., 2008, p. 52). Tais tipos de imitação, alerta o retor, não são coisas dignas de foro, mas das festas liberais<sup>22</sup>.

Quintiliano, ao abordar a questão, alerta para algumas características éticas dos *GENERA VRBANITATIS*. Para ele, os ditos ridículos quase sempre incorrem em uma não verdade (baixos); são, às vezes, propositadamente distorcidos; e nunca são enaltecidos<sup>23</sup>, logo, perigosos, devido à sua proximidade com o escárnio<sup>24</sup>. A partir disso, o retor passa a orientar o seu leitor para os riscos dos usos dos “ditos picantes”, dizendo, a exemplo de Cícero, da moderação e dos limites.

Quanto aos limites, Quintiliano propõe quais são três os tipos de coisas que tem o potencial de provocar riso e como que elas ser ditas<sup>25</sup>: i) as “coisas nossas”, falar absurdos simulando estultice; ii) as “coisas dos outros”, censurar, refutar, rebaixar ou zombar; iii) os “elementos neutros”, usar as palavras estultas que em outrem pode parecer imprudente, mas, se as simulamos, mostram-se, então, portadoras de graça e de elegância.

Quanto à moderação, Quintiliano segue os passos de Cícero e prescreve advertências<sup>26</sup> relativas ao uso dos *GENERA VRBANITATIS* em relação: a) à pessoa<sup>27</sup> (atentar-se diante de quem, contra quem e contra o quê se diz tal dito); b) à fisionomia e aos gestos<sup>28</sup> (ao orador cabe não

---

<sup>21</sup> No original: “ORATOR SVRRIPIAT OPORTET IMITATIONEM, VT IS QVI AVDIET COGITET PLVRA QVAM VIDEAT; PRAESTET IDEM INGENVITATEM ET RVBOREM SVVM VERBORVM TVRPITVDINE ET RERVM OBSCENITATE VITANDA”.

<sup>22</sup> Aqui Cícero provavelmente se refere às festas saturnais.

<sup>23</sup> Cf. *DE RISV*, § 6.

<sup>24</sup> Cf. *DE RISV*, § 7.

<sup>25</sup> Cf. *DE RISV*, § 23.

<sup>26</sup> O próprio Quintiliano diz que estes conselhos não se aplicam somente ao orado, mas a todos homens (QUINTILIANO APVD MARQUES JR., 2008, p. 106).

<sup>27</sup> Cf. *DE RISV*, § 34.

<sup>28</sup> Cf. *DE RISV*, § 26.



demonstrar que está dizendo ou fazendo coisas ridículas); c) às circunstâncias<sup>29</sup> (deve-se jamais ocorrer em ofensa aos amigos); d) à obscenidade<sup>30</sup> (de modo algum deve o orador delas se utilizar); d) à ambiguidade<sup>31</sup> (quando esta beirar o ultraje àquele com quem se fala, devido aos possíveis mal-entendidos). Como afirma o retor, essas advertências devem ser observadas e as palavras ditas com dignidade, pois “o riso custa caro, e seu preço é a honra”<sup>32</sup> (QUINTILIANO APVD MARQUES JR., 2008, p. 107 – tradução do mesmo)

Como se vê, em vários pontos Quintiliano corrobora as ideias de Cícero, uma vez que este é tomado como modelo de orador por aquele. Aliás, é relevante dizer que para Quintiliano, além dessas prescrições, é de suma importância ao orador não dizer coisas ridículas sobre si mesmo<sup>33</sup>. Nas palavras de Quintiliano: “Dizer contra si mesmo é algo quase de bufões e, em geral, é muito pouco apreciável em um orador”<sup>34</sup> (QUINTILIANO APVD MARQUES JR., 2008, p. 132 – tradução do mesmo).

### 3. VRBANITAS em Marcial: paratopia e lubricidade

Nessa seção, discutiremos como Marcial parece jogar com as vantagens e as prescrições presentes no conceito de VRBANITAS de modo a possibilitar dizer obscenidades e chularias<sup>35</sup>. De fato, o gênero epigrama em si abre espaços para esse projeto de escritura de Marcial. Além disso, como se verificará, há referências a um “lugar não lugar” – ou *paratopia*<sup>36</sup> (MAINGUENEAU, 2010a) – que, de certo modo, orienta(va) os leitores de Marcial para a leitura dos epigramas. Assim, tais referências – acreditamos – estão de, algum modo, relacionados à questão da lubricidade em Marcial e no que esta atentava contra a VRBANITAS.

---

<sup>29</sup> Cf. *DE RISV*, § 28.

<sup>30</sup> Cf. *DE RISV*, § 29.

<sup>31</sup> Cf. *DE RISV*, § 47.

<sup>32</sup> No original: “NIMIVM ENIM RISVS PRETIVM EST, SI PROITATIS INPENDIO (SIC) CONSTAT”.

<sup>33</sup> Cf. *DE RISV*, § 82.

<sup>34</sup> No original: “IN SE DICERE NON FERRE EST NISI SCURRARVM ET IN ORATORE VTQUE MINIME PROBABILE”.

<sup>35</sup> Devido ao tempo e ao espaço desse artigo, não é possível verificar todas as possibilidades em todos os textos de Marcial. Daí o caráter hipotético de muitas de nossas colocações. Todavia, elas – acreditamos – podem servir de ponte para pesquisas mais aprofundadas no futuro.

<sup>36</sup> De acordo com Maingueneau (2010a), tal espaço diz respeito ao “dentro” e “fora” (um não pertencimento, mas pertencimento) ligado aos discursos constituintes como, por exemplo, o discurso literário. Tais discursos existem nos limites de fala, ou seja, não são marcados topicamente; entretanto, servem para constituir, por meio das mais diferentes formas de heterogeneidade, os demais discursos (político, publicitário, do cotidiano etc.) marcados topicamente.

Como já colocamos anteriormente, a educação de Marcial foi voltada para o Direito, logo, pesava sobre sua mente tanto os preceitos da oratória quanto da retórica. Como expõe Torrão (2004, p. 5-6), em seus epigramas, Marcial traça elogios a Quintiliano, contemporâneo seu, e a Cícero, modelo a ser seguido na oratória e “símbolo de eloquência latina” (p.12). Segue que, podemos hipostasiar que Marcial tinha conhecimento das vantagens e prescrições referentes à *VRBANITAS* e, portanto, era provável que sabia o lugar que deveria se colocar para que sua obra se adequasse. Exemplifiquemos isso com o seguinte prefácio do Livro VIII:

VALÉRIO MARCIAL SAÚDA O IMPERADOR DOMICIANO CÉSAR AUGUSTO GERMÂNICO DÁCIO.

[1] Todos os meus livrinhos, senhor, aos quais deste fama, isto é, vida, prostram-se diante de ti e, penso, por isto, serão lidos. [2] Esta, contudo, que é a oitava das minhas obras, desfruta com mais freqüência da oportunidade de ser pia. [3] Assim, tive que trabalhar menos com o engenho, em cujo lugar colocou-se a matéria: tentei variá-la com alguma mistura de gracejos para que em cada verso não acumulasse louvores próprios à tua celestial modéstia, os quais mais facilmente te cansariam do que me satisfariam. [4] Embora também homens extremamente graves e de elevados destinos tenham escrito epigramas, de forma a parecerem aspirantes da linguagem licenciosa dos mimos, eu, contudo, não permiti que falassem com a lascívia que costumam ter. [5] Apesar de parte deste livro – a maior e a melhor – estar ligada à majestade do teu sacro nome, ele recordará que não se deve subir ao templo sem estar envolto em religiosa purificação. [6] Portanto, para que os leitores saibam que terei este cuidado, considere oportuno declará-lo, no próprio início deste livro, em um brevíssimo epigrama<sup>37</sup>.

Nesse prefácio, é evidente a preocupação de Marcial com a sua imagem (seu *ethos discursivo*) que será deduzida a partir da leitura de seus epigramas. Apesar de direcionado ao Imperador, muitos pontos estão diretamente relacionados à possibilidade (licença para) de dizer gracejos (logo, *GENERA VRBANITATIS*): ele sabe que os epigramas carregam por natureza a “linguagem licenciosa dos mimos” – portanto, inadequada àquele leitor em especial: o imperador –, todavia, é possível moldá-los para se adequar mais à matéria do que a forma, diminuindo, assim, a lascívia, geralmente presente.

---

<sup>37</sup> Tradução de Cairoll (2009, p.51-52)

Matronae puerique uirginesque,  
uobis pagina nostra dedicatur.  
Tu, quem nequitiae procaciores  
delectant nimius salesque nudi,  
lasciuos lege quattuor libellos:  
quintus cum domino líber iocatur;  
quem Germanicus ore non rubenti  
coram Cecropia legat puella.

Ó matronas, e virgens, e meninos,  
a vós são dedicados meus papéis.  
Tu, que gostas da astúcia licenciosa  
e do excessivo sal que há na nudez,  
lê meus quatro livrinhos de lascívia:  
o quinto livro brinca com seu amo.  
Que Germânico o leia sem corar  
e na presença da cecrópia moça.<sup>38</sup>

Ou seja, se preciso for, ele, Marcial, pode alterar o conteúdo dos epigramas, visando uma maior ou menor adequação à *VRBANITAS*, uma vez que ele prevê (ou melhor, tem conhecimento de causa) que os críticos (poetas, retores e os homens graves) também sabem os deveres em relação ao que pode e deve ser dito em termos humor.

É evidente que os textos acima analisados tinham preocupações claras com a pessoa do Imperador. Desse modo, tornar-se necessário percorrer a obra de Marcial para poder inferir outras estratégias do poeta para colocar sua obra em relação aos preceitos sobre o *RISVS*. Vejamos o epigrama V, 30:

Varro, Sophocleo non infitiande cothurno  
Nec minus in Calabria suspiciende Iyra,  
differ opus Nec te facundi scaena Catulli  
detineant cultis aut elegia comis;  
sed lege fumoso non aspernanda Decembri  
carmina, mittuntur quae tibi mense suo:  
commodius nisi forte tibi potiusque uidetur  
Saturnalicias perdere, Varro, nuces.

Varrão, que nem por Sófocles és desprezado,  
insuspeito na lira da Calábria,  
pára as obras: que a trama loquaz de Catulo  
não te freie, nem a elegia em trancas,  
mas lê os versos inegáveis em dezembro  
fumoso, os quais te mando no seu mês,  
a não ser que mais cômodo seja e agradável  
perder, Varrão, as nozes de Saturno.<sup>39</sup>

É importante ressaltar aqui o mês em que deverá ser lido o epigrama: dezembro. Como se sabe, esse mês era marcado pelas festas dedicadas a Saturno (Cronos, para os gregos). Nessa época, praticava-se um retorno a *primeira idade*, tempo sem guerras. Em consequência, era permitida uma maior licenciosidade em termos de linguagem e de brincadeira: uma

---

<sup>38</sup> Tradução de Cairolli (2009, p. 37)

<sup>39</sup> Tradução de Cairolli (2009, p. 41)

carnavalização dos dias, das ordens e das hierarquias, tudo regado a muito vinho. É nesse “lugar não lugar” ficcionalmente criado no epigrama que Marcial demonstra abrir uma brecha na tensão entre sua obra, o espaço literário de sua época e sua realidade: daí a *paratopia*, ao mesmo tempo, espacial, temporal e social (Cf. Maingueneau, 2006, p. 110). Ao leitor cabe se “transportar” para esse lugar e, assim, amenizando a GRAVITAS da situação do discurso (o que é dito, para quem é dito, quando e onde é dito), saborear os prazeres da lascívia dos textos sem culpa.

Ainda seguindo esse raciocínio, somos tentados a dizer que Marcial tem consciência de que o lugar dos seus epigramas é mais extenso:

[Epístola ao Leitor]

Espero ter conseguido em meus livrinhos equilíbrio tal, que deles não possa queixar-se quem quer que tenha de si mesmo boa opinião, pois gracejam mantendo sadia reverência até para com as pessoas mais humildes, reverencia que a tal ponto faltava nos antigos autores, que não só abusavam de nomes verdadeiros, como também de grandes. Que a fama me custe mais barato e que se prove em mim novíssimo engenho. Que se afaste da simplicidade de nossos gracejos [poéticos] o crítico malicioso e que não comente meus epigramas: age desonestamente quem é engenhoso com o livro alheio. Pela lasciva franqueza das palavras, isto é, pela linguagem própria dos epigramas, eu me desculparia se meu fosse o exemplo: pois assim escreve Catulo, assim escreve Marso, assim Getúlio, assim Pedão, assim escreve quem quer seja lido por inteiro. Se alguém for tão exibidamente grave que em sua presença não se permita falar em latim [ou seja, diretamente] em nenhuma página, que se contente com esta epístola ou com o título. Escrevem-se epigramas para aqueles que costumam assistir aos jogos Florais...<sup>40</sup>

Aqui a argumentação de Marcial joga tanto com a proximidade do peso da herança dos antigos quanto do distanciamento necessário para tornar a obra original (novamente a paratopia alertando a tensão entre o tempo de Marcial e o espaço literário ao qual ele pertence). Assim, por meio de uma embreagem paratopia, a saber: o uso dos nomes próprios, ele marca sua diferença, se colocando num lugar limítrofe entre pertencer ou não a esse modo

---

<sup>40</sup> Tradução de Agnolon (2007, p. 55).

de fazer epigramas. Se nos lembramos bem, não é próprio do homem urbano utilizar-se do riso em relação a pessoas de pouca fortuna. Todavia, diferentemente dos antigos poetas, Marcial usa nomes fictícios. Isso para mostrar sua estratégia diante daqueles que querem criticar, ou seja, as pessoas humildes também eram alvos de seus ditos.

Cur non basio te, Philaeni? calua es.	Por que não te beijo, Filênis? És careca.
Cur non basio te, Philaeni? rufa es.	Por que não te beijo, Filênis? És vermelha.
Cur non basio te, Philaeni? lusca es.	Por que não te beijo, Filênis? És caolha.
Haec qui basiat, o Philaeni, fellat.	Quem beija estas coisas, ó Filênis, chupa <sup>41</sup> .

Se a obscenidade é presente, porém, não é somente porque antes deles escrevem assim, mas porque tais epigramas foram feitos para aqueles que costumam assistir aos jogos florais, ou seja, novamente um “lugar não lugar” no qual tanto o poeta quanto o leitor podem/devem se “transportar” e apreciar as delícias da linguagem livre: é no início da primavera (abril/maio) que se celebram tais jogos em honra de Flora, onde novamente o vinho e a fartura no comer (também no sentido sexual) marcam o “renascimento” após o difícil inverno. Daí, podemos dizer que a obscenidade em Marcial também:

... é uma maneira imemorial e universal de dizer a sexualidade. Sua finalidade não é, em primeiro lugar, a representação precisa de atividades sexuais, mas sua evocação transgressiva em situações bem particulares. Ela se baseia em um patrimônio partilhado pelos membros de uma mesma comunidade cultural. [...] A oralidade obscena evoca outra oralidade, a do alimento e da bebida compartilhada. Desse modo, a obscenidade mantém uma estreita relação com a literatura carnavalesca, que sistematicamente lança mão da inversão de valores: o carnal no lugar do espiritual, o baixo no lugar do alto (MAINGUENEAU, 2010b, p. 25-26)

### **Considerações finais**

Antes de encerrar, recapitulemos alguns pontos e vejamos o que nosso percurso de análise nos sugere de explicação ao aparente paradoxo colocado no início de nosso texto. Primeiramente, vimos que Marcial tinha uma formação baseada na retórica e, além disso, sua situação de

---

<sup>41</sup> Tradução de Agnolon (2007, p.51).

CLIENS aparentemente produzia um conflito interno (e passível de ser deduzido de sua obra) tanto em relação a sua profissão quanto em relação ao espaço (VRBES X CAMPVS), gerando uma tensão, presente nos epigramas, entre as instâncias subjetivas de Marcial, o espaço literário de sua época e a sociedade.

Em segundo lugar, refletimos sobre o conceito VRBANITAS na retórica clássica, o que nos levou a perceber que tanto a lubricidade quanto a obscenidade estavam muito afastadas do “ideal de orador” proposto por Cícero e Quintiliano. Todavia, havia vantagens: o riso é como sal e afasta a tensão dos discursos sérios, as pessoas gostam de agudezas e, se for necessário extrapolar as regras, que escolha-se o lugar e a hora certos: as festas saturnais, florais entre outras.

Por último, vislumbramos como Marcial demonstra consciência não somente do processo retórico, mas também do poético em sua obra. Por um lado, a presença de uma paratopia (um pertencimento/não pertencimento) entre a instituição literária do seu tempo e a sociedade. Tal paratopia possui aspectos tanto social (o “lugar não lugar” de Marcial em relação à corte: seu desejo de reconhecimento e sua rejeição a situação de adulações vãs), quanto espaço-temporal (o lugar propício para sua obra: as festas rústicas do antigo romano). Por outro lado, se pensarmos em termos ligados à poética, Marcial estava disposto a representar seres iguais ou inferiores, seguindo os preceitos aristotélicos. Decerto, deveria, como postula Horácio, adaptar os dizeres de acordo com as personagens que dá voz. Aqui, como mostramos, entra uma das principais marcas de embreagem paratópica em Marcial: não somente os nomes são ficcionais, mas a linguagem dos epigramas deveria ser o “latim”, ou seja, a língua das pessoas no dia a dia, passível de lasciva. Logo, tanto a lubricidade quanto a obscenidade – podemos dizer – parecem ir além da verborragia desse cotidiano, partindo para alcançar um espaço evocado na/pela enunciação do poeta, ou seja, um lugar no qual as normas da urbanidade devem ser amenizadas.

## **Referências**

AGNOLON, A. **Uns epigramas, certas mulheres**: a misoginia nos epigrammata de Marcial (40 d. C. – 104 d. C.). 2007. 221f. Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da USP, São Paulo.

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo 7 ed. Hucitec, 2010.
- BRANDÃO, J. L. L. **Da quod amem**: amor e amargor na poesia de Marcial. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- CAIROLI, F. P. Pequena gramática poética de Marcial. 2009. 124f. Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, São Paulo.
- FARIA, E. **Dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.
- LEONI, G. D. **A literatura de Roma**: esboço histórico da cultura latina, com uma antologia de trechos traduzidos. 8 ed. – São Paulo: Nobel, 1967.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.
- MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b.
- MARQUES JR., I. N. **O riso segundo Cícero e Quintiliano**: tradução e comentários de De oratore, Livro II, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio Oratoria, livro VI, 3 (De risu). 2008. 160f. Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, São Paulo.
- PARATORE, E. **História da literatura latina**. – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- RAMAGE, E. S. Early Roman Urbanity. **The American Journal of Philology**, vol. 81, n. 1, 1960, p.65-72.
- RAMAGE, E. S. Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes. **The American Journal of Philology**, vol. 84, n. 4, 1963, p.390-414.
- TORRAO, J. M. N. Autores de referência em Marcial. **Totus notus in orbe Martialis** – celebração de Marcial 1900 anos após sua morte. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos de Humanísticos da Universidade de Coimbra, Departamento do Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, p. 137-160. Versão em pdf disponível em: < <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Marcial.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.
- TORRÃO, J. M. N.; ANDRADE, A. M. L. Os labirintos da cidade: Marcial em Roma. **Ágora**. Estudos Clássicos em Debate. n. 10, 2008, p. 63-80. Disponível em: <<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/5.Torrao.Andrade.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.
- VALE, R. P. G. Marcial: um pequeno estudo sobre sua vida, sua obra e seu tempo. **Propagare**: revista científica da Faculdade Campo Real, v.1, n.2, jul./dez. 2011. (no prelo)